

Rastreando a produção de casos clínicos: um estudo etnográfico de uma Divisão de Psicologia Aplicada

Tracking the production of clinical cases: an ethnographic study of an Applied Psychology Division

Arthur Arruda Leal Ferreira

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
(HCTE), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

arleal1965@gmail.com

orcid.org/0000-0002-2059-8877

Rafael de Souza Lima

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ)

rdsl.1989@gmail.com

orcid.org/0000-0002-4792-8282

David de Lima Brito

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

davidlimab15@gmail.com

orcid.org/0000-0003-3084-6122

Thaíssa Rosa Alves Almada

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

tatarosaaa@yahoo.com.br

orcid.org/0000-0001-8291-3513

Isabella Gomes Freire

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

isabellagomesfreire@gmail.com

orcid.org/0000-0001-6624-3863

Paulo Henrique Mendes da Cunha

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

paulomea29@gmail.com

orcid.org/0000-0003-1490-4791

Karina da Silva Vieira

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

karinadsvieira@gmail.com

orcid.org/0000-0002-7738-3316

Pedro Luís Sydenstriker Alvares

Instituto de Psicologia (IP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

pedrosydenstriker@gmail.com

orcid.org/0000-0002-0645-1369

Resumo. Este trabalho visa trazer à cena os diferentes modos em que se deram singulares relações de trabalho etnográfico numa pesquisa que busca observar as diferentes formas de produção de subjetividades engendradas pelas práticas psicológicas clínicas, propostas na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo como base conceitual a Epistemologia Política de Isabelle Stengers e Vinciane Despret e a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour e John Law. Para estes autores, o conhecimento científico se produz não como representação da realidade, mas como modos de articulação entre pesquisadores e entes pesquisados, portanto, importa aqui discutir como os pesquisadores se articulam com o campo investigado, e os resultados decorrentes disso.

Palavras-chave: Divisão de Psicologia Aplicada. Clínica psicológica. Etnografia. Teoria Ator-Rede. Epistemologia Política.

Abstract. *This article aims to bring to the scene the different ways in which unique ethnographic work relations took place in a research that seeks to observe the different forms of subjectivity production engendered by clinical psychological practices, proposed in the Division of Applied Psychology (DPA) of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), based on the political epistemology of Isabelle Stengers and Vinciane Despret and the Actor-Network Theory of Bruno Latour and John Law. For these authors, scientific knowledge is produced not as a representation of reality, but as ways of articulation between researchers and researched entities, therefore, it is important to discuss here how researchers articulate with the investigated field, and the results resulting from it.*

Keywords: *Applied Psychology Division. Psychological clinic. Ethnography. Actor-Network Theory. Political Epistemology.*

Recebido: 01/10/2017 Aceito: 27/10/2017 Publicado: 05/11/2017

1. Introdução

Como tentativa de abarcar diversas questões relacionadas à produção de um campo clínico psi, desenvolvemos uma pesquisa que busca observar as diferentes formas de produção de subjetividades engendradas por práticas psicológicas clínicas, analisando-as em determinadas redes produzidas por diferentes orientações terapêuticas na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tendo como referencial teórico a Teoria Ator-Rede de Bruno Latour e John Law, e a Epistemologia Política de Isabelle Stengers e Vinciane Despret, nossa pesquisa concebe o conhecimento científico como sendo produzido por uma articulação entre pesquisadores, técnicas de inscrição, aliados e entidades investigadas e como sendo politicamente diferenciado entre más e boas articulações. No primeiro caso, haveria uma situação em que a articulação entre as diversas entidades é extorquida ou condicionada a uma resposta esperada, sem qualquer risco. No segundo, haveria uma articulação na qual o testemunho iria além da mera resposta, abrindo-se ao risco de invalidação das próprias questões e proposições do pesquisador e de colocação de novas questões pelos entes pesquisados. Esta seria uma relação de recalcitrância (Latour, 2004). Isso apontaria para o entendimento de que o conhecimento científico não conduz a uma realidade delgada e uniforme, mas se espessa no desdobramento virtual de diversos mundos possíveis e modos de subjetivação, operados por modos corporais bem específicos.

No caso desta pesquisa, o que se busca é estudar estes modos de articulação no domínio das práticas clínicas psicológicas. Neste aspecto, buscamos nosso campo numa divisão de psicologia aplicada (a da UFRJ), onde não apenas é possível se observar uma diversidade de orientações, mas o próprio processo de formação de terapeutas pelo estágio dos estudantes. Neste sentido, buscamos estudar como estas práticas clínicas são performadas, como elas se articulam entre si (ou não), que controvérsias surgem de seus modos de atuação e que mundos e modos de subjetivação são aí produzidos entre pacientes, estagiários, coordenadores, setting clínicos e grades curriculares. (FERREIRA et al., 2013, p. 373).

Para investigar os modos de articulação produzidos por práticas psicológicas, são observadas na DPA algumas redes produzidas por diferentes abordagens psicoterápicas: psicanálise, psicanálise existencial, terapia cognitivo-comportamental, Gestalt-Terapia e Análise Institucional Francesa. Tal acompanhamento seguiria alguns parâmetros da Teoria Ator-Rede e da Epistemologia Política quanto ao entendimento dos procedimentos raros de produção dos conhecimentos científicos: 1) Os participantes da pesquisa serão tomados como experts no tema; 2) Sem qualquer divisão entre saber comum e científico; 3) Enquanto experts, serão demandadas definições sobre a psicologia, sobre os psicólogos, mas igualmente sobre o que os conduz ao serviço, as expectativas e leituras que fazem da sua demanda.

Além da realização de entrevistas com supervisores, estagiários e pacientes, estão sendo acompanhadas pela pesquisa, através do método etnográfico (Caiafa, 2007), as supervisões de cinco equipes – cada uma correspondendo a uma abordagem já citada. Neste acompanhamento, busca-se entender de que maneiras nestas diferentes redes são

produzidos pacientes, supervisores, estagiários e sobretudo pesquisadores, já que os mesmos também são afetados na medida em que se articulam a esses mundos singulares investigados. Desse modo, pretende-se estudar os modos como esses acompanhamentos de supervisões são realizados pelos pesquisadores e as ressonâncias produzidas nos mesmos, sabendo que neste trabalho de campo eles não apenas interferem nas dinâmicas que observam (e das quais participam), como também são interferidos por elas.

Dedicamo-nos ao estudo do acompanhamento das supervisões de três das cinco equipes já mencionadas, para a apresentação do presente trabalho. Aqui, optamos por identificar os pesquisadores nos seus respectivos acompanhamentos, Rafael de Souza Lima na equipe de Psicanálise, David Lima Brito na de Gestalt-terapia e Paulo Henrique Mendes na equipe de Terapia Cognitivo-Comportamental (doravante TCC)¹. Nosso interesse se volta para os modos de articulação dos pesquisadores com as equipes investigadas, e para as consequências disso no fazer etnográfico, já que o conhecimento é uma construção que decorre da articulação do pesquisador com os entes pesquisados.

2. Modos corporais de articulação com o campo

Antes de abordarmos esses acompanhamentos, vale esclarecer sucintamente o que é uma supervisão: trata-se de uma reunião que envolve estagiários e supervisor de estágio, para a discussão principalmente de atendimentos psicoterápicos realizados individualmente pelos estagiários, que são estudantes do curso de psicologia da UFRJ. O supervisor é um psicólogo que pode ou não ser professor do mesmo curso. Outras questões podem ser discutidas nas supervisões, como as referentes à realização de triagens ou ao funcionamento da instituição em geral.

Rafael começou a acompanhar a equipe de Psicanálise no início do primeiro semestre letivo de 2015. É importante constar que o pesquisador já fez parte desta equipe como estagiário, durante o ano de 2013, sendo que ainda havia ali pessoas que estagiaram com ele na ocasião, e que permaneceram no estágio. Com isso sua inserção no campo investigado foi facilitada, ou melhor, ele não habitava um local desconhecido, sentia-se a vontade em permanecer em um lugar “familiar”. Levado isso em conta, o pesquisador deparou-se com o desafio de produzir uma descrição etnográfica que implicasse um certo grau de estranhamento daquilo que ele já conhecia da equipe e da clínica psicanalítica.

A supervisão de Psicanálise acontece numa sala pequena com uma mesa grande, e os participantes se posicionam ao redor dela. O supervisor sempre senta no mesmo lugar, deixando um lugar à sua direita para o estagiário que no momento estiver realizando a leitura do seu relato de atendimento. Para a discussão dos casos são produzidos relatos de cada atendimento realizado, em forma de transcrição. Os relatos são lidos e após a leitura ocorre a discussão do atendimento. O acompanhamento de Rafael foi marcado por dois momentos, que são caracterizados por modos distintos de articulação com o campo investigado. No momento inicial, nas primeiras supervisões acompanhadas, Rafael se

¹ Os dois pesquisadores citados são autores deste artigo.

sentava sempre na mesma cadeira, que ficava distante da mesa. Ele não participava da supervisão como todos os outros presentes, discutindo os “casos”; ele se dedicava a observação daquela dinâmica e a escrita do diário de campo. Mas a equipe não era indiferente ao seu posicionamento, ele era perguntado sobre o que estava escrevendo, e eram constantes as brincadeiras, tendo recebido o apelido de espião. Comentários do tipo: “é, ele só fica aí anotando!”, “ele fica anotando as besteiras que a gente fala aqui!” Eram comuns, estando sempre presentes nos mesmos o humor. Isso mudou quando ele foi convidado gentilmente pelo supervisor: “você não prefere se sentar aqui na mesa com a gente?”. Aceitou o convite, e teve seu trabalho modificado com esse deslocamento, que marca o segundo momento do seu trabalho, onde foi privilegiado a sua participação na dinâmica da supervisão. Quando já se encontrava na mesa, junto aos outros, passou a interagir mais dentro do que eles se propunham: participava da discussão dos casos, fazia intervenções, perguntava. Sentiu, com isso, uma modificação no seu modo de estar ali e de participar da supervisão, deixou de ser um observador distanciado para ser um participante menos distinto dos estagiários, pelo menos no momento da supervisão. Ele passou a estabelecer maior contato visual com os outros, de modo a incluir-se na conversa, levando-se em conta a contrapartida, ou seja, o fato dos participantes terem incluído ele, dirigindo seus olhares também para ele quando falavam.

David, por sua vez, começou a acompanhar a supervisão da equipe de Gestalt-terapia no início de 2016. Tendo em vista que não conhecia a maioria das pessoas que faziam parte da equipe, havendo apenas uma estagiária com quem possuía algum vínculo de amizade, ele não encontrou tanta facilidade como Rafael para se situar ali. Sua entrada se deu em um mundo desconhecido. Desconhecido por vias da equipe, pela abordagem que era trabalhada, já que David não tivera nenhum contato com Gestalt-terapia antes, e por ser o primeiro trabalho etnográfico feito pelo mesmo. Então suas primeiras descrições giraram em torno desse novo mundo no qual entrava, descrevendo os desafios e dificuldades de se portar como pesquisador em relação com esse campo. Esse acompanhamento foi marcado também por dois momentos, na relação com o campo. Nos primeiros encontros, David se ateu com diversas preocupações em relação a sua posição e atuação naquele espaço e naquela dinâmica. Mantinha o seu corpo ereto, estava sempre voltado para o seu pequeno caderno de campo, se preocupando e se mantendo atento a tudo que se dizia. Optava por se manter quieto, e o ato de anotar o deixava muito receoso por ser visto fazendo-o. Sua postura dura e nervosa e sua posição distanciado em relação a dinâmica produziu uma certa relação com a equipe nesse primeiro momento. Isso aparecia pela equipe em jogos de olhares que não o incluíam, e também em uma fala que não o incluíam, tendo em vista que ele era o único homem presente e sempre utilizavam coletivos no feminino. Diante da percepção desta não inclusão na fala e nos olhares, aceitou o risco da adoção de uma outra postura, um outro modo de se estar naquele campo. Descentrou-se do caderno de campo, ao qual tanto se prendia, relaxou sua postura na cadeira e se permitiu participar de algumas conversas, principalmente as das discussões sobre as situações contemporâneas, as quais são sempre presentes. Essa nova postura que se arriscou a adotar se fez produzir uma nova relação com o campo, no qual a equipe o

incluía e dava espaço tanto nos olhares quanto nas falas, ditando assim um segundo momento nesse acompanhamento.

No que diz respeito a Paulo, alguns pontos interessantes podem ser mencionados. No momento em que começou o acompanhamento da equipe de TCC, Paulo ainda não possuía familiaridade com a teoria empregada pela equipe e nem mesmo conhecia os membros da equipe ali presentes. Tal fato contribuiu de certa forma na percepção de como a teoria presente nos livros de psicologia se mostrava performada por aqueles atores em seu fazer diário, já que Paulo não trazia de antemão algo que esperava observar no campo. Outro ponto a ser destacado diz respeito à grande presença de termos técnicos próprios da abordagem e que eram utilizados juntamente com instrumentos (escalas e questionários) durante os atendimentos dos pacientes. Inicialmente, devido ao ainda desconhecimento da teoria por parte de Paulo, a impressão que o mesmo tinha nos momentos de supervisão é de que os membros da equipe estavam empregando um novo dialeto em suas conversas. Tal estranhamento foi sendo aos poucos superado com a familiarização de Paulo, seja por meio da ajuda dos membros da equipe explicando seus termos ou através de estudos realizados pelo pesquisador por conta própria.

Longe de ser meramente um detalhe, a questão do conhecimento do pesquisador a respeito da teoria empregada na abordagem observada foi entendida por Paulo como fundamental para entrar em contato com a equipe que acompanhava. A equipe de TCC é a única equipe dentre as acompanhadas que emprega uma prova teórica formal como método de seleção para seus novos estagiários que pretendem ingressar na equipe. Além disso, durante a supervisão é constante a presença de perguntas direcionadas aos estagiários por parte da supervisora da equipe prezando por um constante estudo e dedicação prática e teórica dos estagiários. À medida em que Paulo aprendia novos conceitos e se adaptava aos assuntos discutidos em supervisão, o pesquisador se viu cada vez mais sendo chamado a participar das discussões, seja dentro ou fora do cenário de supervisão da equipe. Após algum tempo em que realizava seu trabalho de campo, devido a uma indicação de seu nome feita pela supervisora da equipe, Paulo foi convidado a integrar a Liga Discente de TCC, formada por alunos que apresentavam interesse na abordagem e que tem o propósito de difundir o conhecimento da abordagem aos demais interessados. Tal convite pode ser visto na opinião do pesquisador como um marco de virada entre a posição de completo desconhecido acerca dos assuntos observados em campo, sendo reconhecido então como alguém que já conhece de certa forma a dinâmica empregada e é capaz de ajudar a difundir seu funcionamento.

3. Conclusões

Estes percursos relativos a entrada dos pesquisadores em campo, aponta para o complexo processo de produção destes sujeitos de conhecimento. De acordo com os pressupostos da Teoria Ator-Rede e da Epistemologia Política (Latour, 2004), a produção de

conhecimento não é a edição de protocolos pré-estabelecidos de pesquisa que permitiriam bem representar a realidade, mas um crescente modo de articulação entre pesquisadores e componentes de campo, levando a uma produção da realidade pesquisada e uma produção do sujeito de conhecimento por meio de modos corporais bem identificáveis. No caso desta pesquisa podemos dizer que, em decorrência dessas mudanças de participação nas supervisões, os três pesquisadores passaram a produzir descrições diferentes das iniciais, gerando novos modos de conhecimento. Rafael, antes, se ocupava com a descrição do que ocorria na supervisão, das falas ali presentes, das atitudes dos estagiários e supervisor diante dos “casos”. Depois, sua narrativa passou a incluí-lo na descrição, pois importava dizer o que ele também fazia ali, de que modo se comunicava com os outros, e principalmente intervinha. Assim, já não falava apenas o que via, mas principalmente o que sentia, o que fazia, dentro daquela dinâmica. David abandonou o seu desconforto e apresentou descrições referentes ao modo como aqueles encontros, na supervisão acompanhada, modificaram a sua relação com o próprio corpo, mostrando-se mais articulado com o cenário por onde se deslocava. Por fim, Paulo passou a participar cada vez mais das discussões de caso trazidas para supervisão, sendo responsável por algumas vezes pontuar questões que não haviam sido observadas por nenhum estagiário até aquele momento. Devido a sua constante busca por entender sobre a prática da atividade observada em campo por meio de leituras, Paulo por vezes era reconhecido também como uma referência na indicação de livros para os novos estagiários que precisassem, passando quase a uma posição de expert no campo pesquisado. Ampliando, como nos demais casos, os modos de articulação com o campo pesquisado.

4. Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), por meio da Bolsa Cientista do Nosso Estado (2015; Número do processo: E-26/203.212/2015).

Referências

CAIAFA, J. **Aventuras das cidades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

DESPRET, V. A leitura etnopsicológica do segredo. Dossiê Despret. **Revista Fractal de Psicologia**, Niterói, v. 3, n. 1, p. 5-28, jan./abr. 2011.

FERREIRA, A. A. L. et al. A produção de subjetividades em rede: seguindo as pistas de uma divisão de psicologia aplicada. **Universitas Humanística**, Bogotá, v. 76, p. 371-392, jul./dez. 2013.

LATOUR, B. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e se professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 14/15, p. 339- 352, 2006.



LATOUR, B. How to talk about the body. **Body & Society**, London, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004.

LAW, John. **After method:** mess in social science research. Londres: Routledge, 2004.

STENGERS, I. **Quem tem medo da ciência?** São Paulo: Siciliano, 1989.